

36° Encontro Anual da ANPOCS  
GT06 – Desigualdade e estratificação social

**A centralidade das crianças em famílias  
de alta renda**

*Karen Polaz*

## *Introdução*

Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa cujo objetivo foi estudar como as famílias dos grupos mais privilegiados constroem e operam fronteiras sociais<sup>1</sup> com relação a outros grupos e como utilizam a educação a fim de transmitir, para as novas gerações, os privilégios que já acumularam. A pesquisa se apoiou sobre um trabalho de campo – observação etnográfica e entrevistas – desenvolvido junto aos sócios do clube mais seletivo, em termos econômicos, de uma grande cidade do interior de São Paulo. Foram focalizadas as famílias envolvidas tanto no curso de equitação quanto nas atividades competitivas realizadas pelo Departamento de Hipismo. A equitação e o hipismo foram escolhidos com a finalidade de atingir as famílias com maior capital econômico. Afinal, o curso de equitação é aquele que apresenta as mais altas mensalidades e o hipismo exige elevados gastos com o cavalo, tanto para sua manutenção (alojamento, alimentação, veterinário, cuidadores, vacinas, vitaminas e remédios entre outros) quanto para o seu deslocamento até às competições, além de gastos com o cavaleiro/a amazona, isto é, trajes, calçados e acessórios apropriados.

Com base na hipótese de que o clube é um espaço bastante importante para a socialização de determinados grupos familiares e, por isso mesmo, um meio que pode auxiliar no delineamento das fronteiras sociais entre os principais grupos que convivem no seu interior, o objetivo da observação tanto das aulas, quanto das provas e campeonatos realizados no clube, foi o de captar aspectos como os estilos de vida, as visões de mundo, os valores familiares, a relação com os bens materiais presentes nas interações entre pais e filhos, sócios do clube e envolvidos com o hipismo, além da relação das diversas famílias sócias entre si e a interação dessas famílias com os funcionários do clube e os funcionários particulares, como as babás e motoristas. Nesse sentido, a observação no clube permitiu visualizar as maneiras como os diferentes grupos constroem e consolidam sua identificação entre si e como se diferenciam dos outros.

---

<sup>1</sup> Na pesquisa, utilizo a noção de fronteira social para compreender os critérios (morais, cognitivos etc) que os mais ricos mobilizam para se relacionar com grupos sociais considerados “iguais” ou “diferentes” deles, tentando entender a quais grupos se unem e quais excluem de seu convívio social. Assim, a noção de fronteiras serve tanto para apreender as formas de coesão social dos mais ricos, que comungam de valores e visões de mundo semelhantes, quanto para analisar qual o limite de sua abertura a outros grupos sociais. Como afirmam Labache e Saint Martin (2008: 334-5), “*por um lado, as fronteiras delimitam os contornos das categorias sociais (a participação desigual dos indivíduos na vida social) e, por outro, abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si*”. A noção de fronteira ajuda a compreender, portanto, a relação “*entre duas unidades que se reconhecem mutuamente como diferentes*” (Labache e Saint Martin, 2008: 335).

No presente texto, busco evidenciar que uma das estratégias educativas sobre as quais os grupos mais privilegiados se apoiam para assegurar a sua posição e transmiti-la aos seus descendentes se refere à *centralidade das crianças*, mobilizada tanto de maneiras explícitas (na mãe sempre disponível e no rol de empregados particulares), como também nas minúcias do cotidiano (na produção da individualidade da criança, no incentivo à autonomia entre outros). Tal centralidade origina um modo de socialização que faz o privilégio parecer “natural”: tudo se passa como se as crianças fossem ensinadas, geralmente de modo implícito e nem sempre consciente, a pensar que elas têm direito a certos privilégios. Esta consiste uma dimensão bastante importante das fronteiras sociais e o presente texto aponta para uma primeira aproximação à questão.

#### *A centralidade das crianças*

Nesse grupo social, os filhos, em particular quando crianças, encontram-se no centro das atenções dos adultos. Seus pais e mães se esforçam a fim de provê-los com o estilo de vida a que são destinadas a pertencer: alimentação farta, moradia com conforto e segurança, frequência a uma renomada escola particular, a cursos extracurriculares e ao clube mais seletivo da cidade, viagens, fornecimento de roupas, acessórios, aparelhos eletrônicos, além do auxílio de funcionários nos cuidados com as crianças. Assim, é cotidiana a atenção de uma rede de adultos que tratam do seu cuidado e de seu bem-estar.

Uma cena que nos convida a refletir acerca do impacto na percepção da criança sobre sua própria importância no mundo, quando confrontada a essa atenção constante, pode ser exemplificada numa aula particular de equitação para um garoto de 5 anos. Nesta aula, observei toda uma mobilização de adultos em volta dessa única criança. Ali estavam sua mãe, os instrutores da escolinha de equitação e algumas outras pessoas que o assistiam, inclusive eu. Apesar da pouca idade, esse garoto, realmente, *percebia* que estava sendo observado, comentado e apreciado. Ainda tem-se que levar em conta uma das especificidades do hipismo, no qual os praticantes agem em uma grande pista e em cima dos cavalos e éguas, ou seja, numa posição *elevada* e distante em relação aos demais. Em 2011, acompanhei uma premiação dentro do clube do então campeão brasileiro mini-mirim, categoria de 8 a 11 anos. Depois de concluir seu percurso, dentro do tempo ideal e sem faltas, os narradores comentaram que ele fez jus ao título de campeão brasileiro. Na premiação, foi bastante aplaudido, fotografado, olhado com sorrisos por um amontoado de gente que acompanha a entrega das medalhas, parecendo

ser reconhecido pelo círculo de mães e pais que frequentam grande parte dos campeonatos, com bastantes felicitações.

Os cuidados com as crianças desses grupos sociais também custam caro. Embora as conversas sobre gastos e dinheiro sejam constantes no clube, não disponho de informações exatas acerca dos valores que cada família “investe” em seus filhos por mês. No entanto, se tomarmos o exemplo de uma criança de 14 anos que não possui cavalo, pode-se dizer, com alguma segurança, que seus pais dispendem, no mínimo, R\$4.000 por mês com ela, sem contar os gastos com os outros irmãos, em geral mais um. Se levarmos em conta as despesas com as crianças que possuem um ou mais animais, os preços se elevam vigorosamente. Para a compra de um cavalo de salto, as famílias chegam a gastar, dependendo das características do animal, entre um mínimo de R\$5.000,00 a mais de €200.000,00, variando em função de suas posses e do investimento que pretendem fazer na preparação dos filhos. Uma mãe, na entrevista, disse-me que o custo fixo mensal para manter quatro cavalos próprios no clube para suas duas filhas era de R\$10.000, fora o tratamento de alguma eventual doença do animal, as competições, que são frequentes e caras etc.

Com tamanho investimento afetivo e financeiro, as crianças, desde bastante jovens, reagem de variadas maneiras à notoriedade que lhes é destinada e parecem assimilar, com perspicácia, a importância de sua existência no mundo, demonstrando autoconfiança no futuro de sucesso que lhes aguarda. Os itens a seguir estão perpassados pela questão da centralidade da criança e tal esforço parece não ser em vão, em particular o das mães.

#### *Dedicação das mães*

Dentre a população estudada, a divisão sexual das tarefas relacionadas aos cuidados com os filhos parece estar fortemente atrelada ao tradicional lugar das mulheres/mães na família, mesmo considerando diferentes origens sociais e graus de escolarização. Na vasta maioria das vezes, são as mães que acompanham suas filhas e filhos durante as aulas e treinos, são elas que levam os filhos para a escola e para as outras atividades extracurriculares, também são as que decidem trabalhar meio-período ou deixam de trabalhar fora de casa para terem mais tempo à disposição das crianças.

No exemplo a seguir, a família é composta por um casal com três filhos em idade escolar e que conta com o auxílio de uma babá que reside na casa e de uma empregada doméstica durante a semana. Embora pai e mãe exerçam a mesma profissão – são

médicos otorrinolaringologistas -, é a mãe que se encarrega dos afazeres relacionados ao ambiente familiar e doméstico e quem, por fim, deixou temporariamente de trabalhar para se dedicar aos filhos:

Menino, 11 anos: Meu pai [trabalha] no [mais conhecido instituto de Otorrinolaringologia da região], minha mãe tinha uma clínica, mas ela parou de trabalhar, ela vai voltar a trabalhar no [instituto] também.

Karen: Por que que ela parou?

Menino: Porque ela não tinha tempo. Aí tinha que resolver muita coisa e trabalhar, e ela não tinha tempo.

Karen: Resolver muita coisa na sua casa, você fala?

Menino: Isso.

Karen: Entendi.

Menino: Ela que ia pagar as contas, fazer tudo. Deixar a gente na escola...

Karen: Daí seu pai não tinha como ajudar, é isso?

Menino: Isso, porque meu pai tava trabalhando.

Durante toda a pesquisa de campo, mesmo entre as mães e os pais que não acompanhavam os filhos frequentemente às aulas e treinos, era mais fácil acessar as mães por telefone ou *e-mail*, sendo que, na maioria das vezes, nem se cogitava estabelecer um contato com o pai – tanto que consegui entrevistar apenas um pai em comparação com as nove mães entrevistadas. Em campo, também eram assaz frequentes a fofoca sobre estilos de maternidade, creditando às mães, quase que exclusivamente, o fato de criar “bem” ou “mal” seus filhos. Essa constatação era, ainda, marcada por outra premissa significativa: no clube, quando se discorria sobre “cuidar” dos filhos, a figura da mãe era a primeira a ser evocada, no entanto, quando as crianças e adolescentes conversam a respeito das decisões sobre as grandes compras na família, como as de um cavalo, por exemplo, eu costumava ouvir sobre ser “o pai” aquele com o poder de arbitrar sobre a aquisição.

No que tange às mães que deixam de trabalhar fora de casa para se dedicar aos filhos, existe um sentimento ambivalente entre elas, pois sentem-se ora envergonhadas por não realizar um trabalho remunerado e até menosprezadas com o fato de que algumas pessoas as notam como se não fizessem “nada”, mas, por outro lado, desenvolvem autoconfiança por meio do papel de *serem mães*, de que estão “fazendo tudo certo” em

relação à educação dos filhos e à transmissão dos “bons valores” familiares, apesar de aí também demonstrarem certa insegurança. Nos relatos dessas mães, percebe-se sofrimento e angústia por, ao nascerem mulheres, terem que, por isso mesmo, arcar com os cuidados dos filhos. Como uma forma de autoafirmação, algumas delas empenham-se em desvalorizar as mães que trabalham fora de casa e que não acompanham seus filhos rotineiramente às atividades extracurriculares, como no excerto seguinte, de uma mãe formada em Arquitetura, mas que não exerce a profissão:

Mãe: Nossa, eu lembro que eu passava um nervoso [quando trabalhava fora], mas um nervoso assim... de saudade. Eu passei muito nervoso, você tem um sentimento de culpa muito grande, porque você tem a... você é mulher, é profissional, é mãe... é uma carga enorme, sabe?

Karen: Esposa...

Mãe: Isso. É muita pressão, muita pressão. Eu falava assim: “Olha, da próxima vez eu quero nascer homem”, porque é muito mais tranquilo: você vai, trabalha, volta... eu acho que tem que ter a responsabilidade, sim, de, depois que chegar em casa, ajudar com os filhos, mas não tem essa cobrança que a gente tem, a gente carrega com a gente, sabe? De cuidar da casa, ir no supermercado, de estar tudo em ordem, entendeu? De você depois ter que fazer outras coisas, ser amante, ser namorada, sei lá. Ah, pô, nossa, é muita coisa. Então, daí, quando eu falei: “Não, eu não vou voltar a trabalhar”... e daí eu queria ter mais um filho, sempre quis ter mais um filho. Daí eu tive o [filho caçula]. Eu tentei voltar a trabalhar quando o [caçula] tinha um ano e meio. Eu lembro que eu ficava... eu era exaurida. Era pele e osso, sabe? Você não fazia nada direito. Eu não trabalhava direito, não era mãe direito, não era nada direito. Então eu abri mão e só fiquei com eles. Era horrível, porque as pessoas falavam assim: “Nossa, mas você não trabalha? Você não faz nada?”.

Karen: Porque seu convívio social é de mulheres que deixam [os filhos] com babás...

Mãe: Isso, com babás. (...) Então, esse lance de ser mãe... depois que eu resolvi isso na minha cabeça, os meninos ganharam muito, e eu acho que eu criei filhos que... não quer dizer que eles não vão dar problemas, entendeu? Mas eu sinto que eu fiz minha parte como mãe. E acho que fazendo minha parte como mãe, eu também vou estar criando um mundo melhor... é uma das coisas... porque, você vê, hoje em dia não são só crianças pobres que são abandonadas, eu vejo os amigos dos meus filhos que são completamente abandonados. Filhos de pais bilionários, sabe?

Como se vê, essas mulheres tomam para si a incumbência de serem “boas mães” como uma espécie de verdadeira missão, não demonstrando negligência e nem “abandonando” seus filhos aos cuidados de babás e de outros funcionários. Nos trechos a seguir, reproduzo o relato de uma das mães, uma das poucas mães entrevistadas que não chegou a cursar faculdade, bastante dedicada ao marido e aos dois filhos, um menino de 12 e uma menina de 10 anos, ambos da escolinha de equitação do clube. Ela faz questão de cozinhar para sua família, delegando a limpeza da casa para uma funcionária, e já presenciei seu incômodo quando lhe indagaram se “trabalhava”<sup>2</sup>.

Mãe: (...) E... eu não consigo falar tempo livre, meu tempo livre é muito curto, porque eu tô sempre com os meus filhos, por exemplo, eu tô com tempo livre aqui agora na [nome do clube], mas não tá livre, porque talvez se ele fosse tempo livre não taria, eu não estaria aqui na [nome do clube], e o pessoal fala “Ah por que você não vai correr ali no lago?”. Porque eu não quero, só porque eu tô aqui na [nome do clube], tenho que usar esse horário? Não, não quero. Então é difícil, meu tempo livre é curto. Então é aquilo, é tão legal, que você fala “Ah, eu não trabalho”, né, só que você lembra... eu que levo, eles não vão de transporte escolar, eu levo, eu busco, tenho funcionária todos os dias na minha casa, mas eu que cozinho, sabe, então...

Karen: Então não é uma baba, é uma empregada doméstica, pra limpar a casa?

Mãe: Não, é uma empregada doméstica. Tudo o que tá relacionado aos meus filhos eu que cuido, e eu que acompanho e administro tal.

Karen: Opção sua?

Mãe: Opção minha.

Como se observa no caso desta mãe, existe um controle constante de tudo que envolve seus filhos, em particular sobre o que pode vir a influenciá-los de maneira negativa, como algumas amizades e a questão das drogas, um receio que aparenta ser bastante difundido entre as mães. Assim, essas mães afirmam estar fazendo “tudo o que podem” para “dar estrutura” aos filhos a fim de que eles possam discernir entre o “certo” e o “errado” no futuro.

---

<sup>2</sup> Assim como demonstrou Lisa Swanson em *Soccer Fields of Cultural [Re]-production?: An Ethnographic Explication of the “Soccer Mom”* (2003) sobre as mães que acompanham seus filhos nos jogos de futebol nos EUA, no clube, as mães que estão o tempo todo com seus filhos também necessitam sentir-se “úteis”, visto que algumas não trabalham fora de casa e, portanto, despendem grande parte de seu tempo em acompanhar os filhos ou levá-los, de carro, à escola, ao clube, a outras atividades. Algumas até utilizam a expressão “mãetorista” para se auto-descrever.

Mãe: Com certeza. Eu me considero feliz e, porém, ééé... não cansada, no meu limite, assim, neste momento que o *[primogênito]* tá com 12 e a *[caçula]* com 10, eu tô muito preocupada com o futuro, que o futuro que eu tô vendo, assim, daqui 4 anos. Eu tô com medo! Então hoje eu me sinto feliz, mas, ao mesmo tempo, eu tenho medo do que vai ser, será que eu tô acertando, e um monte de gente, as pessoas mais velhas me falam “Bom, você fez tudo o que você sabe fazer, o que você tinha de melhor você deu, amor e tal”, daqui pra frente não tem como saber, né, então assim, a única coisa que eu tenho medo é isso, mas eu me considero uma pessoa feliz.

(...)

Eu tenho medo de droga, eu tenho medo... droga, você quer pior que isso, né? Mas por outro lado, quando eu falo que eu tenho medo, é porque eu amo, porque são os meus filhos, embaixo da minha asa. Mas vão fazer balada, vão conhecer, que hoje você tem, assim, não é na balada, né, você tem em qualquer lugar, né, eu tive, né, imagine agora! Então, assim, além de eu falar isso, que eu tenho medo tal, eu tenho uma consciência muito tranquila, eu anulei a minha vida, minha vida, *[fala seu próprio nome]*, entendeu, a partir do momento que eu casei, casei, fiquei 4 anos sem filho, que eu falo que foram os melhores momentos de casamento, assim, que, a gente sempre se deu muito bem, até hoje, a gente fazia exatamente o que a gente queria, hoje a gente faz também, porque a família precisa, então é diferente. Mas eu falo que eu tenho a minha consciência super tranquila, porque eu anulei a minha vida, a vida da *[diz seu próprio nome]* modificou totalmente, tanto que eu não fiz a minha faculdade, e tudo bem, vou fazer ainda, entendeu, ééé... sabe, é aquilo, tô aqui, e aí? “Ah, não, só tem eles hoje, né?”, mas vê se você vê mãe aí, não vê, vendo aula, entende? É difícil, tô acompanhando, pego na escola, a hora que eles entram na escola, eu falo “Oi, tudo bem”, eu olho, eu já sei se tá tudo bem, se não tá, o cheiro das crianças, entende, então é isso, tenho...

(...)

Karen: E os amigos deles, você conhece todos? São da escola?

Mãe: Tudo, conheço...

Karen: São da escola?

Mãe: São da escola. Eu já fiz churrasco em casa pra conhecer mãe e pai dos amigos, entendeu, uns dois, três já risquei, porque, tem amigo que vai em casa dormir que o pai e mãe nem liga, nem me conhece, não sabe nem onde eu moro, peguei na escola, vim trazer, falei “Esse não serve!”. Como que eu vou trazer sua filha pra dormir na minha casa, você nem sabe quem eu sou! Entende, então é isso. Então, eu tenho a minha consciência super

tranquila, super (*ênfatizando*), se der alguma... desculpa, se der alguma merda, eu fiz tudo que eu podia, com todo o amor, sabe, então já não é minha culpa, eu acho. Entendeu... então, é por isso que eu falo, tenho, sim, a minha consciência tranquila.

Muitas crianças afirmaram que seus pais delegam a elas a escolha de amigos, contudo existe uma “supervisão” e uma provável interferência caso haja desconfianças dos pais. Até mesmo nos casos das crianças e adolescentes considerados, por funcionários e outros sócios do clube, negligenciados pelos pais, ainda existem as formas de controle, como no próximo exemplo:

Menina, 16 anos: Eles não ligam muito, assim. Eles acham que, tipo, eu que tenho que escolher minhas amizades, tá certo. Ah, eles não controlam, mas antes eu tinha uns amigos que era muito sem (*risos*), fora do normal. É que eles não viam que era mais eu do que os amigos, porque eu era muito louca, fazia muita coisa errada na escola e eles achavam que eram os amigos. Mania de pai achar que é o amigo, mas... aí eu vivia defendendo meus amigos, porque eu falava “Meu, não é, sou eu, se toca, enxerga”.

Karen: Você era má companhia pros seus amigos, é isso? (*risos*)

Menina: Eles também eram pra mim, é que formava, tipo, não tinha um culpado, era todo mundo numa bosta na época (*risos*). Mas hoje em dia eu vi que, tipo, eu até nem falo mais com essa menina, porque ela era muito também, muito louca, não vou. É que é fases e fases. Hoje em dia eles não são contra nenhum, não ligam.

Assim, parece que independentemente do grau de escolarização das mães e de sua origem social, ainda existem marcantes evidências de que são elas as preocupadas e encarregadas dos cuidados com os filhos, atentas a tudo que os envolvem. Nesta tarefa, tanto as mães que trabalham quanto as que não trabalham fora de casa contam com a presença e o auxílio dos empregados particulares.

### *O rol de empregados particulares e o lugar das babás*

Um dos apanágios mais marcantes desses grupos sociais consiste na contratação de funcionários particulares para os afazeres domésticos e no auxílio referente aos cuidados com os filhos. Em geral, a eles são delegadas as tarefas de limpar a casa, cozinhar para a família, fazer a jardinagem, dirigir as crianças aos diversos lugares ou mesmo *estar junto* delas quando são bastante jovens, até 10 anos ou um pouco mais, como fazem as babás.

Poder contratar funcionários implica um gasto que as famílias consideram importante, principalmente para as mães que trabalham fora de casa. Assim, procuram encontrar alguém “de confiança” para que tomem conta de seus filhos ou mesmo para estarem dentro de suas casas sem que os pais precisem preocupar-se. Em geral, os funcionários são pardos e negros, na maior parte das vezes contrastando fisicamente com as crianças que cuidam, de maioria branca.

Basicamente, as famílias possuem, ao menos, uma funcionária em casa e, não raro, duas – uma cozinheira que trabalha todos os dias e outra que limpa a casa algumas vezes na semana. No exemplo a seguir, a família dispõe de quatro empregados para cuidar de duas crianças:

Menina, 12 anos: A gente tem uma cozinheira, que tá de férias, e a gente tem uma faxineira, que só vem um dia por semana, e a motorista que pega a gente na escola.

Karen: Então são quatro? Que a motorista não é a babá?

Menina: É, a motorista não é a babá, mas a motorista não é só da gente, ela também trabalha pros outros.

Como se observa, possuir funcionários particulares faz parte do estilo de vida dessas famílias e existe um certo estranhamento em relação àqueles que constituem uma exceção, causando curiosidade e espanto. A seguir, a única mãe que relatou não dispor de empregados particulares e que afirma ser de origem social menos favorecida, embora, nos dias atuais, encontre-se numa melhor situação financeira, podendo dispender, como já dito, R\$10.000 mensais fixos com o hipismo:

Mãe: Tem, então, eu tenho uma amiga que... vive, a casa vive saindo em revista de decoração, viaja duas vezes por ano pra Europa, tem de tudo, tem quatro empregadas, tem motorista, o marido tem um bom cargo... Eu não tenho empregada, porque eu não quero, poderia ter uma empregada, uma pessoa pra me ajudar em casa, eu não consigo.

Karen: (*surpresa, rindo*) Nossa, você é a única pessoa que não tem, que eu entrevistei até agora! A única.

Mãe: Não tenho. Não tenho. Eu tive uma moça que trabalhou comigo seis anos, criou a [*caçula*], depois... tinha até uma faxineira, mas num, então eu faço, isso eles, pra eles aqui [do clube] é muito esquisito, eles acham que eu sou uma pessoa do outro planeta, porque... eu não tenho empregada. Eu lavo, passo, cozinho, cuido da minha casa. Quando eu tô

disposta, faço até o jardim. Pintei o quarto da [caçula] essa semana, vou pintar o escritório, assim, mas é opção, né. A minha sogra acha isso um absurdo, porque a minha sogra acha que as pessoas vão falar, porque eu não tenho empregada, então isso não cabe na situação, ela é uma pessoa preconceituosa.

Karen: Elas “vão falar”, fariam mal de você?

Mãe: É, “Porque é um absurdo!”, vão falar de mim não, vão falar do filho dela, que o filho dela não está bem, que não pode pagar uma empregada. Então a minha sogra é uma pessoa mais preconceituosa. Com questão de cor, questão de classe social, uma pessoa pobre não é gente, entendeu? E ela não é rica, mas ela vive num mundo próprio.

Claro está que, quanto aos empregados particulares, embora as crianças estejam sob sua responsabilidade em determinado período do dia ou durante o dia todo, as liberdades para criticar, chamar atenção, corrigir, trocar confidências, dar afeto e carinho a elas variam de acordo com o tempo de trabalho na família e do perfil/personalidade dos pais, dos filhos e dos próprios funcionários que lá trabalham. Ouvi, por inúmeras vezes, conversas sobre os pais não permitirem que os funcionários chamem a atenção das crianças, assim como de crianças que não se adaptavam às ordens das babás e motoristas, por exemplo, direcionando “traquinagens” contra os funcionários, a fim de propositadamente irritá-los. Também tive contato com uma babá que dizia gostar da criança cuidada, mas que lamentava não ter estudado e que, hoje em dia, precisava “cuidar do filho dos outros” por isso.

As empregadas domésticas e, em particular, as babás que trabalham há anos junto às famílias parecem adquirir um *status* de quase membros da família: é comum as mães e as crianças comentarem que a babá ou a antiga empregada doméstica manda na casa (“o sargento lá de casa”), decidindo sobre o que as crianças podem ou não fazer, sobre os lugares que as crianças podem ou não ir, sem necessidade de um intermédio direto dos pais.

Embora os funcionários representem a parte responsável, eles estão frequentemente negociando com as crianças sobre a concretização de suas vontades. A relativa liberdade dos funcionários consiste em um poder parcial de decisão que se encontra em constante conflito com a educação direcionada pelos pais e, até mesmo, com os desejos das crianças:

Babá: Uma vez ela [*menina cuidada pela babá*] tomou uma picada lá no Parque Ecológico. Nossa! Precizou levar no médico! Começou subir um vermelhão nessa perna, essa perna ficou grossa, assim, ela com febre... Aí ele [*o pai*] falou: “A gente não sabe que bicho que foi que picou ela”. Aí só antialérgico em cima, injeção... ai, deu dó, viu. E foi lá no Parque Ecológico, falei: “Ah, vocês levam ela lá, vocês largam ela lá”. Eu fico com o maior cuidado com ela! Eu fico de olho. Eu fico, eles não, eles soltam ela. Esses dias ela foi lá, tomou picada de carrapato. Aí, precisou, falei: “Então, vocês deixam a menina, não tá nem aí, a menina rolando naquela grama? Sabe que tem capivara lá, coisa lá”. Eles dão risada: “Ai, [*nome da babá*], mas você...”, falei: “Ai, eu me preocupo, sim!”, nossa! Eu tenho o maior cuidado com ela, com tudo (*rindo*). Eles não esquentam a cabeça, têm vezes que eu chego na segunda-feira, lá vem, [*nome da menina*] tá com a cara ralada, [*nome da menina*] tá com o joelho tudo detonado. “Mas o que que aconteceu com essa menina?”, “Ai, tava andando de bicicleta, levou um tombinho ali...”, falei “Tá bom. Vocês largaram ela, quer dizer, não é que ela levou um tombinho, vocês deixaram ela fazer o que ela bem [entender]”, sabe? Aí ela foi, cai da bicicleta, ai... (*risos*). Fica toda marcada. Eu chego todo dia, eu falo pra ela: “[*Nome da menina*], o que é esse roxo em você? Que que é isso? Onde você bateu?”, “Ai, eu bati em tal lugar, bati não sei aonde”, “Ai, mas com quem que você tava?”, “Ai, tava com o meu pai e com a minha mãe”, falei “Ai, tá bom!” (*risos*).

A dependência gerada pelas crianças em relação aos cuidados e à figura da babá ou mesmo do motorista, até para a realização de simples tarefas, por exemplo, suscita inúmeras críticas e fofocas por parte dos instrutores da escolinha, da secretária de hipismo e de algumas mães dentro do clube. Tais críticas recaem sobre a “falta de educação” das crianças e do “abandono” dos pais, em particular das mães, que não se importariam com os próprios filhos, sendo menos trabalhoso deixá-los com empregados, estes que não poderiam contrariar os desejos das crianças. Além disso, em muitos casos, observa-se uma relação de carinho entre essas funcionárias e as crianças, aparentando ser difícil tanto para as crianças quanto para algumas babás desacostumarem<sup>3</sup>:

Babá (a mesma do comentário anterior): Ah, pega, né, eu tô com ela, nossa... (*risos*) eu tô pensando em sair... sair assim, ficar sem ela. E ela depende tudo de mim, tudo eu que faço tudo pra ela, tudo, tudo. Eu que sei onde que tá as coisas dela, ela liga em casa... chega, por exemplo, que nem amanhã, sábado, né? Aí ela vai procurar alguma coisa, ela só sabe que

---

<sup>3</sup> Por falta de espaço, não pretendo aprofundar-me nesta questão.

eu que mexo, né? Daí, então, eu tenho que explicar. Então hoje eu já aviso: “Ó, suas coisas tá em tal lugar, se você vim sábado pra casa da vó, você vai lá, pega que tá naquele lugar, caderno tá em tal lugar”. Aí ela fica ligando, ela liga lá: “[Nome da babá], onde tá minha não sei o que? [Nome da babá], onde tá não sei...”, sabe? (risos)”. “Eu já olhei uma outra menina também, chamada [nome da menina]. A mãe trabalha no Correio. E, quando eu entrei, peguei a [menina], a [menina] tava na fralda ainda. Aí eu saí de lá, a [menina] tava com 9 anos. Ah, mas era tudo eu, nossa! Aí, quando ela ficou maiorzinha, aí ela brigava com a mãe dela, ela ligava: “[Nome da babá]...”, “Que que foi?”, “A minha mãe não quer falar comigo!” (imitando uma voz de choro). Eu falei: ‘O que que você aprontou hoje? Você deve ter feito alguma coisa pra sua mãe não falar com você!’”. “Eu não fiz nada, eu só falei alto com ela”. Eu falei: “Então!”. Aí chorava nesse telefone, minha mãe falava: “Ai, não sei, essa daí não vai desgrudar de você também”. E até hoje, hoje ela tá com 16 anos, quando ela liga lá e conversa comigo, eu falo “Ah, só você, viu! Nossa, você não tem jeito, hein?” (rindo). E também é a única filha.

#### *Produção da individualidade da criança*

A partir das observações em campo, pode-se afirmar que mães e pais buscam respeitar a individualidade de seus filhos, seus gostos, suas habilidades especiais, aquilo que “levam jeito”, seus sonhos, o “perfil” das crianças. Assim, valorizam os traços de suas personalidades que consideram positivos para o desenvolvimento das crianças e empenham-se em incentivá-los através, por exemplo, de cursos de aprimoramento de habilidades linguísticas ou artísticas. Por outro lado, também procuram desconstruir alguns traços da personalidade dos filhos quando acreditam que será uma barreira que, potencialmente, venha a atrapalhá-los no futuro, como no caso da mãe que incentiva o filho a praticar o hipismo, pois ela o considera bastante impulsivo e que não aceita perder, fator avaliado negativamente por ela. Deste modo, os pais vão “dilapidando” as potencialidades dos filhos, aprimorando as que já estão lá, construindo e desconstruindo outras, mas sem “passar por cima” daquilo que entendem como a personalidade e a individualidade da criança.

Esse fator torna-se bastante perceptível ao se observar a atuação dos pais em relação à personalidade de cada filho. Uma das mães, que sempre está presente nas aulas e treinos, demonstra compreender quando as filhas desobedecem alguma ordem do instrutor, entende as motivações das meninas, seus temperamentos, cada personalidade e

raras vezes se opõe. Reproduzo um trecho desta mãe ao falar sobre as habilidades que as filhas desenvolvem através da prática do hipismo:

Mãe: Então, na verdade eu acho que eu posso falar isso mais pela [caçula]. Não pela [primogênita]. Eu acho que a criança fica mais concentrada, fica mais responsável, que tem aquela obrigação, porque é diferente de uma bicicleta. A bicicleta você pode largar uma semana ali, que não vai acontecer nada. E o cavalo não pode ficar parado um dia. Então desenvolve essa responsabilidade. A [primogênita] sempre foi responsável, então eu acho que o dela foi o caminho inverso. A gente tem amigos que tem o filho, que começou com o filho mais velho, que foi indicação de psicopedagoga. E com isso o menino fez, agora ele já tá formado já, não salta, não monta mais, só de vez em quando, mas atrás dele veio o irmão e a mãe. A mãe salta até hoje, o irmão salta. Então... Na minha casa foi o inverso, eu acho que a [primogênita] achou nisso uma coisa que cabia a personalidade dela, que sempre foi ser responsável, ela sempre foi muito disciplinada, ela sempre foi muito concentrada, agora com a [caçula] não, ajuda nisso, porque a [caçula] é a borboleta (eu rio). Então, no cavalo, direciona, foca, ela fica focada, ela tem a responsabilidade de vir montar, ela tem dó, porque ela sabe que ele não pode ficar parado, principalmente cavalo mais velho, que não pode ficar parado, então ela fala “Não, eu preciso montar, senão o pé dele incha”, ela fala, porque se fica parado, o pé tende mesmo a ficar preso, ele incha um pouco. “Ai, não, eu tenho que montar”, então nisso nela desenvolveu. Na [primogênita] foi o inverso, acho que ela, a personalidade dela que se adequou, ela achou uma coisa assim. A [primogênita] fazia fisioterapia com 8 anos, a [primogênita] não tinha dente, os dois dentinhos tinham caído já, era banguelinha com 8 anos, ela fazia fisioterapia no primeiro cavalo que nós tivemos, que era muito velhinho, e teve um problema, então ela montava o cavalo, depois que ela fazia duas aulas, ela montava o cavalo que era dela, ela fazia lá na escolinha, lá na [nome da escola], e o [nome do marido] comprou um cavalo e esse cavalo ficou doente. Esse cavalo ficou 8 meses parado, 4 meses a [primogênita] com... 8 pra 9 anos fazia fisioterapia nele diariamente, debaixo de chuva, debaixo de sol, de frio, de calor intenso, ela montava ele exatamente como o veterinário tinha falado. Então era primeiro 10 minutos a passo, nas duas mãos, depois a trote... e ela não saía 1 milímetro, e eu ficava na cerca cronometrando e ela ficava exatamente o tempo que precisava, pequenininha. Era a única criança que ia montar debaixo de chuva.

Além disso, existe todo um respeito pelo momento da vida ou por uma situação específica pelos quais os filhos estão passando. Nas conversas sobre futuro profissional,

as mães, em geral, preocupam-se em prover-lhes com uma boa escola, uma série de cursos extracurriculares para que eles internalizem a importância do estudo na vida de uma pessoa, procurando, contudo, não obrigar as crianças no ano de vestibular, considerada um “fase difícil”, porque as mães têm um entendimento de que eles já estão se sentindo bastante pressionados e angustiados. Certa vez, presenciei uma conversa sobre este assunto entre duas mães com filhos que cursavam o último ano do Ensino Médio. Uma delas dizia não querer pressionar o filho para que se engajasse nos estudos, mas também não desejava que ele “relaxasse”, que não se esforçasse nesta etapa da vida escolar. Enquanto isso, a outra mãe contava, em tom de irritação, que seu filho “não fazia nada” e que estava com planos de estudar “para valer” apenas no cursinho. Aí completou, parecendo bastante revoltada com a atitude do filho, que ele não devia pensar assim, pois seria mais um ano pagando a escola. No entanto, apesar da frustração delas, pareciam controlar-se para lidar com a pressão e não desencadear um maior desconforto psicológico nesse momento delicado.

Aliás, o lado psicológico da criança é tratado com seriedade pelos pais e instrutores, levando em conta que há crianças que entram em depressão por estudar num colégio extremamente competitivo e não conseguem continuar. Valorizam, outrossim, testes vocacionais realizados pelas escolas e tomam cuidado para não influenciar as decisões dos filhos de forma rígida.

Assim, as mães buscam reconhecer os esforços das crianças e, na medida do possível, não cobram retornos sem antes submeterem-se a uma reflexão sobre a personalidade e os comportamentos dos filhos, compreendendo seus limites e suas dificuldades. No próximo relato, uma mãe comenta sobre uma cena que presenciou em um campeonato fora do clube:

Mãe: Tem pai que cobra exageradamente do filho, entendeu? Eu vi cenas agora que eu fui pra [uma cidade do interior de São Paulo] – ele [seu filho] fez uma prova lá – eu vi cenas lamentáveis, assim, lamentáveis, eu tive vontade de chegar pro pai e falar “Cara, você tá no lugar errado. Não faz isso com teu filho” (*rindo*). Eu vi uma cena de um pai xingando o filho, sabe, “Porque você é um burro, porque você não serve pra nada”. Poxa, você via que o menino tinha se esforçado, quer dizer, eu acho assim que... (...) Então, assim, você percebia no olhar do menino falando assim “Putá, mais uma vez, mais uma vez”, então tem aqui é uma peneira. Eu acho que como todo esporte, mas aqui tem uma peneira, assim,

fatal, entendeu. É a peneira que acaba o 90 [cm] vai pra um metro que você obrigatoriamente tem que ter o seu cavalo, é um peneiraço que dá. Poucos ficam. E a outra peneira é a peneira da idade que o [nome do filho] tá entrando, 13, 14, 15 anos, com cobrança de pai. É outra peneira, que daí o cara espana ou ele gosta muito, entra por um ouvido, sai pelo outro, fala assim “Putá, ele é assim mesmo, tô nem aí pro que ele fala”. Ou então ele vai falar assim “Bom, não sirvo pra isso mesmo, então eu vou largar, quando eu for mais velho, eu volto”. Como você vê muitos, assim, com 45, 50 anos voltando pro hipismo e contando essa história que eu tô falando pra você. “Olha, meu pai me enchia o saco quando eu tinha 14, 15 anos, eu parei, tô voltando agora porque eu pago. Então eu não devo satisfação”. Eu tenho um amigo que monta na provinha de 60 (*sorrindo*), uma belezinha ele. Tem 53 anos. “Eu pago agora meus tombos, eu não preciso escutar de ninguém”.

Mesmo em dias de competição, é bastante comum ouvir das mães que os filhos estão ansiosos e estressados, que “é melhor nem ficar perguntando muito”, para que não haja discussões e brigas. Certa vez, em campo, após o reconhecimento de uma pista, uma menina estava tentando memorizar o percurso, “desenhando” o trajeto com a cabeça e as mãos, parecendo bastante concentrada, quando seu pai veio perguntar algo. Ela respondeu irritada: “Pai, não me desconcentre!”. O pai pediu prontamente “desculpas” e saiu de perto da filha, retirando-se do local, a fim de não atrapalhá-la naquele momento.

Do mesmo modo, parece que os pais se empenham, dispendo de algumas possibilidades que o dinheiro compra, na busca de amenizar ou, até mesmo, “reverter” algumas situações consideradas um entrave para o pleno desenvolvimento de seus filhos, como quando apresentam problemas de aprendizagem na escola e algum tipo de deficiência física ou mental. Para tanto, uma gama de funcionários particulares e instituições estão a postos para agir, como psicoterapeutas, fisioterapeutas, psicólogos, pedagogos, médicos das mais variadas especialidades, contando com a estrutura de hospitais privados e escolas para cursos e aulas extras. Também para os casos de adoção, os esforços dos pais são direcionados para que essas crianças não se sintam desconfortáveis nem sofram preconceito. Deste modo, não se furtam a contratar renomados advogados para transferir o nome da criança à família e evitar possíveis problemas. Para todos os casos, os pais exigem um tratamento igualitário à filha ou ao filho, “driblando” os constrangimentos na medida do possível.

### *Incentivo à autonomia da criança*

No imaginário do senso comum, espera-se que, às crianças, seja relegado um papel de subordinação dentro da família, de “não ter voz”. No entanto, os filhos desse grupo social são constantemente estimulados a expressarem suas opiniões, vontades, desejos, o que demonstra seu grande poder em meio ao mundo dos adultos. Com isso, as crianças vão desenvolvendo uma capacidade de autonomia em relação aos pais, mas uma autonomia relativa, por ser controlada e gerenciada pelos adultos a fim de que as próprias crianças saibam os limites dessa “liberdade de escolha” e que não venha a atrapalhá-las no futuro. Assim, nas palavras de mães e pais, eles buscam “dar estrutura” para que seus filhos possam discernir entre o “bem” e o “mal”, o que “vale a pena” e o que “não vale a pena” onde quer que estejam.

Menina, 17 anos: Ah, eu acho que os meus pais sempre me criaram muito solta assim, sempre deixaram bem pra mim, assim, decidir o que eu quero fazer, lógico que eles nunca deixaram eu me ferrar, ou coisa assim, sempre tomaram cuidado pra eu não me machucar, mas eles sempre deixaram, assim, as opções pra eu escolher. Se eu quiser, optasse por parar em fazer um esporte ou continuar ou não ir em uma prova pra fazer um campeonato, eles sempre deixaram a opção pra mim contanto que eu soubesse das consequências que isso teria e tivesse disposta a arcar com elas. Então acho que isso é bom porque eu meio que aprendi a me virar sozinha também assim, porque como eles nunca impuseram, assim, “Ah, você vai ter que fazer essa faculdade”, tá pra mim a escolha se eu quero fazer faculdade fora e com nome, tipo a UNESP, ou se eu quero fazer uma faculdade aqui e continuar montando. É uma escolha minha. E eu acho que isso é bom, porque, é, ajuda a amadurecer, crescer.

Existe, portanto, a ênfase na autonomia das crianças e a onipresente negociação entre mães, pais e filhos. O incentivo para que as crianças opinem e manifestem seus pensamentos, sentimentos e vontades faz com que elas desenvolvam uma capacidade de se expressar corporal e verbalmente com destreza e desembaraço. Através das conversas e fofocas no clube, as crianças e adolescentes estão frequentemente formulando suas próprias opiniões a respeito das escolas que frequentam, das regras da escolinha de equitação do clube, das resoluções do diretor de hipismo, dos comportamentos de adultos e de outras crianças e adolescentes entre uma ampla variedade de assuntos. Esta habilidade pode ser considerada essencial para exames de seleção escrita, como no

vestibular, e para entrevistas de emprego, nas quais a *performance* corporal do candidato também está sendo avaliada. Além disso, as crianças se policiam entre si sobre a própria linguagem, como o fato de falar palavrões, por exemplo.

Através de uma visível desenvoltura, algumas crianças chegam a lembrar “mini-adultos”<sup>4</sup> em diversas situações. Em dias de campeonato de hipismo no clube, nota-se que existe um interconhecimento entre os participantes mais assíduos, inclusive por parte das crianças. Já observei famílias nas quais os filhos demonstravam grande autonomia para cumprimentar adultos, com beijos no rosto das mulheres e aperto de mãos nos homens no caso dos meninos, sem a necessidade de que os pais pedissem para que assim se comportassem. Também demonstram liberdade para dar opiniões sobre os competidores, parabenizar outras crianças, fazer críticas, elogiar de forma bastante “natural”, como se fossem pequenos adultos. Em campo, presenciei uma cena na qual um instrutor acompanhava um menino em uma aula-teste, enquanto sua mãe e seu irmão conversavam com a secretária de hipismo sobre a compra de um cavalo de 26 anos, considerado já velho. A mãe consultava o filho, de aparentemente 12 ou 13 anos, para decidirem se compensaria efetuar a compra de um cavalo tão velho, e o menino respondia interessado, parecendo que “dominava” o assunto, realmente interagindo como se o dinheiro para a compra do animal também fosse seu, numa interação entre pais e filhos sobre o gerenciamento do dinheiro familiar.

No exemplo seguinte, ao contar sobre a atual situação financeira da família, a menina de 12 anos demonstra apurado domínio da linguagem, talvez por ser filha de professores universitários, utilizando-se das palavras “nós” e “a gente” para se referir às decisões familiares, sugerindo que faz parte dessas decisões e que suas opiniões são levadas em conta. Também apresenta uma percepção nítida das estratégias educativas de seus pais e os seus limites e ciência dos planos da família, inclusive traz detalhes dos trâmites econômicos feitos por seus pais antes mesmo de seu próprio nascimento:

Menina, 12 anos: (...) E a gente tem uma... poupança, entre aspas, guardada pra quando a gente for fazer faculdade caso necessite, que é em torno de 100 mil reais, por aí. Mas a gente procura eco, não gastar daquele, daquela poupança, que vai que algum dia necessita.

---

<sup>4</sup> Embora as inúmeras atividades extracurriculares das crianças façam parte do cotidiano dessas famílias, há críticas a esse estilo de vida tanto vindas dos instrutores quanto de alguns pais. Uma das mães entrevistadas afirmou que não gostaria de transformar sua filha de 9 anos em uma “pequena executiva”. Por falta de espaço, não vou aprofundar-me nesta questão.

E a minha mãe, ela ganha acho que 7 mil por mês. E meu pai ganha... 10, eu acho, alguma coisa assim. E meu pai foi convidado para trabalhar em São Paulo, que ele ganharia 7 mil e quando ele trabalhou em São Paulo pela primeira vez ele ganhou... em torno de 15 mil, então... eu não sei se ele vai aceitar, porque além de ele ficar, entre aspas, mais livre aqui, de conviver mais com os filhos tal, ele já, ele disse que cansa muito ir pra São Paulo todo dia e voltar. Então eu acho que ele não, mas nossa ééé... condição financeira é muito boa, assim, a gente não é rico, mas a gente também não é exatamente uma classe média média. A gente tem o clube, tem o meu cavalo, tem a nossa chácara... embora a gente esteja gastando muito dinheiro agora por causa do hipismo – e meu pai tem falado pra mim que a gente tem que achar alguma... digamos assim, resolução mais barata, por causa que... senão ele vai ter que começar a tirar o dinheiro da poupança e não é um dos planos nossos.

(...)

Então, atualmente a gente é uma classe média não exatamente média, mas não exatamente alta. A gente tá no meio termo aí. (...) Assim como a maioria do pessoal da [*nome do clube*], né, que é meio raro você encontrar alguém que tenha muito dinheiro, né? E, o clube, ele é caro o título tal, mas é 180 por mês, eu acho que só o título que é caro.

Karen: Uhum, é, o título tá agora, tudo, né - taxa de transferência e título - 44 mil reais.

Menina: Então, é ou não é, é um carro, né? Então eu acho que... na vida você tem que fazer algumas opções. Que é... ter um clube ou ter um carro, você, atualmente, porque quando o meu pai comprou o título, ele pagou em torno de 20 mil reais, um pouco menos, por causa que ele comprou há muito tempo atrás, quando era só ele e minha mãe.

### *Negociação com os filhos e a questão geracional*

Como busquei demonstrar ao longo deste texto, as crianças “se acham no direito” de dispor de determinados privilégios, como impor suas vontades, interromper a fala de adultos, corrigi-los, fazer manha como estratégia para conseguir certas vantagens, desafiando as mães, pais e funcionários. Desde muito jovens, as crianças são estimuladas a se posicionar em relação aos adultos e não hesitam em dar suas opiniões, em discordar deles, de provocá-los, de utilizarem de ironias etc. Com argumentos, sobretudo, bem pautados e articulados, demonstrando domínio da linguagem. Para algumas das crianças e adolescentes, em consequência da grande identificação com os associados, o clube é considerado como a “segunda casa”. Lá dentro, alguns se comportam como se o clube fosse, realmente, uma extensão da casa, sentindo-se bastante à vontade, apesar das regras impessoais que os administradores gostariam de imprimir. Isso fica mais claro no uso do

restaurante mais tradicional, para o qual há regras explícitas que, por exemplo, regulam vestuário (não se pode entrar em trajes de banho etc) e não permitem que crianças muito novas o frequentem sozinhas. Não obstante, durante o trabalho de campo pude ver, com frequência, crianças e adolescentes entrando no restaurante de meias e sandálias de dedo, selecionando alimentos no balcão por conta própria, anotando na ficha, de próprio punho, o que consumiam sem pedir a permissão para os garçons ou para o dono, sentando-se nas mesas sozinhas, falando alto entre si apesar de haver adultos presentes<sup>5</sup>.

Embora para grande parte dos funcionários do clube e para algumas mães e até mesmo adolescentes, essa manifesta autonomia e liberdade sejam vistas como desrespeitos, a maioria das mães entrevistadas e o único pai atribuem à questão geracional essa mudança de comportamento dos filhos em relação aos pais e vice-versa. Segundo as mães entrevistadas, existe mais diálogo e maior abertura na família, inclusive sobre relacionamentos afetivos e relação sexual, assuntos que não eram conversados com seus pais:

Mãe: Acho que tudo que eu aprendi em casa eu tento passar pra [*nome da filha*]. É lógico que hoje em dia, os tempos mudaram. Então, por exemplo, a [*nome da filha*] me fala coisas ou, enfim, muitas vezes se posiciona, né, em relação a mim, que se eu fizesse isso com a minha mãe era... no mínimo um tapa na bunda, (*risos*) um castigo. Acho que hoje em dia mudou um pouco. Mas, assim, eu acho que os valores básicos... eu tenho de pequena e eu acho que eu passo pra ela também. Eu acho até que ela tá assimilando.

Mãe: A única coisa que eu acho que antigamente a gente era mais... reprimido assim, né, então você saía menos, você tinha menos informações, né, e assim, tinha muito medo, né? Hoje em dia não, hoje em dia a gente sabe que até é melhor você deixar um pouco exposto pra que possam fazer as escolhas e serem apresentado a tudo, né, e daí você escolher, você saber o que você vai querer fazer. E acho que, antigamente, a gente não era assim, então tudo era muito com medo, né, então você não podia namorar, você não podia sair, você não podia beber, você não podia fazer nada, né, aí as coisas eram bem escondidas, hoje eu acho que já não (*risos*). Hoje, por exemplo, a minha filha de 13 anos, ela fala pra mim

---

<sup>5</sup> Na única vez em que vi um dos proprietários chamando a atenção das crianças que se sentavam sobre as mesas do restaurante, percebi que elas prontamente obedeceram, mas fizeram “cara feia” quando o proprietário virou as costas. Um dos garotos, de 13 anos, veio me dizer que esse proprietário era “chato”, porque ele não levava em consideração que a mãe do garoto pagava, mensalmente, uma conta grande de consumo ao restaurante.

“Não, porque não sei o que”, até eu brinco com ela “Não, porque não sei quem beijou, não sei o que, e você não beija?” (*risos*). Porque o vizinho beija, né? Então aquela beija, aquela namora, “E você, você não namora, você não beija?”, né, (*risos*) e, assim, a satisfação que eu diria é que a minha filha de 18 anos quando ela beijou, a primeira pessoa que ficou sabendo fui eu. Então isso eu acho que acontece nos dias de hoje e no meu tempo não acontecia, né, porque a gente escondia o máximo, porque a gente não podia namorar. Eu acho assim, seria a repressão mesmo, eu acho que eu, na minha, eu tenho 43 anos, eu tive um pouquinho disso, a minha mãe era bem rígida assim e tal, a gente não falava, assim, algumas coisas... (*risos*).

Como se observa, as estratégias educativas das famílias atualmente, ao que parece bastante influenciadas pela geração de seus pais, implica menor rigidez no trato com os filhos e maior “leveza”. Um argumento comum entre as mães é que seus pais exerciam uma “super proteção”, o que procuram evitar na educação de seus filhos. Para tanto, utilizam-se de várias estratégias, como participação em programas de intercâmbio estudantil internacional a fim de os tornarem pessoas independentes em relação aos pais, além de desenvolverem a chamada “abertura para o mundo”, serem mais tolerantes, “abrirem a cabeça, a mente” e “expandirem os horizontes”.

Mãe: Eu sou [a irmã] mais velha. Então, assim, eu não gostava dessa demonstração de poder [do meu pai] na frente dos outros. E a gente sempre foi muito podada. Eu nunca pude fazer nada. Então era assim, ia não sei aonde... olha, eu lembro até hoje, quando eu fiz 15 anos, ele deu um dinheiro pra mim e um pra minha irmã, daí ele falou assim: “Tá aqui, vocês fazem o que quiserem com esse dinheiro”. Daí eu e minha irmã falamos assim: “Vamos pra Disney”. Tinha o dinheiro, tinha tudo. Porque, assim, você acha que uma menina vai, [fala] “Eu vou pra Disney e vai”. Eu falei assim, não, não é assim que se faz as coisas, sabe? Era umas coisas assim que eram pra podar mesmo. Eu queria muito, meu maior sonho era fazer intercâmbio fora. “Ah, vai procurar saber”.

Karen: Você tinha 15 anos?

Mãe: É, eu tava no colegial, né. Então, assim, sabe o que é nunca? Porque tudo o que fosse pra se separar deles, eles nunca apoiavam. E isso é uma coisa que eu trabalho completamente ao contrário com meus filhos. Tanto que, por exemplo, o [*primogênito*], com 11 anos, foi para a Finlândia no CISV. Não sei se você já ouviu falar do CISV. É Children's International Summer Villages, entra uma vez no *site cisv.org.br*. É muito legal, porque eles trabalham a criança... a criança entra com 10 anos, tanto que o primeiro

programa é esse final de semana: o [caçula] tá entrando nesse programa. O [primogênito] já fez mais de dez programas. Daí, ela entra com 10 anos e com 11 anos, ela faz a primeira viagem internacional sozinha. “Sozinha”, é uma delegação de 4 crianças, dois meninos e duas meninas e o líder. O líder geralmente tem 18 anos, é um jovem que já passou por isso. Já fez todos os caminhos e com 18 anos se tornou líder.

(...)

Eles analisam seu perfil, pra ver se você tem perfil pra ir pro Villages. Porque você imagina mandar uma criança pra um país, sem essa criança ter o perfil. O psicológico da criança é avaliado nesse primeiro ano, entendeu? O [caçula], eu tenho minhas dúvidas quanto a isso. Então, é justamente o contrário de tudo o que eu vivi. Como eu fui podada pra tudo, eu falo: “A gente cria os filhos pro mundo”. Dando estrutura, você vai ver que eles conseguem. Que nem aqueles negócios... o que eu penso muito é [sobre] aqueles negócios de drogas, né. Eu não fumo nada, nunca fumei. Fiz faculdade de Arquitetura, quando era assim... era muito menos do que deve ser hoje... mas eu lembro de ir em festas que a maconha rolava, era cocaína, esse tipo de coisa e tal. Eu nunca não cheguei nem perto. Hoje, eu sei que é muito por medo mesmo. E também porque eu pensava nos meus pais, eu falava assim... primeiro que não era o tipo de coisa que eu queria fazer, segundo que eu tinha medo, terceiro que eu falei assim: “Ia ser uma decepção enorme pra eles”, sabe? Mas primeiro mesmo era por mim. E, pros meninos, hoje em dia, nesse mundo em que a droga é muito pesada, o que eu penso é o seguinte: eu tô tentando fazer o meu melhor. O que não quer dizer que eu tô fazendo, conseguindo fazer, mas eu tô tentando. Eles vão cair pra esse mundo mesmo. E caindo, mas tendo a cabeça no lugar... se eu conseguir dar estrutura pra eles, quando eles tiverem lá fora, e eu não vou estar perto pra falar “Olha, isso tá errado”, eles vão poder discernir: “Ah, não, isso tá certo, isso daqui não tá certo”. Eles fazem as escolhas deles. Então, isso é um aspecto que eu faço diferente dos meus pais. Faço questão. Porque é muito ruim... eu sou uma pessoa, por mais que você me veja assim, eu sou uma pessoa que não consegui ir pra lugar nenhum sozinha. Por exemplo, pra fora, né. Eu vou pra São Paulo, eu viajo, assim, tudo bem, tranquilo. Mas se for pra encarar uma coisa grande, eu fico travada, até hoje. Isso é muito ruim, muito ruim.

Assim, influenciadas pela educação recebida de seus pais, as mães não querem que seus filhos desenvolvam medos que podem tornar-se obstáculos para a realização de seus sonhos, vontades e desejos. Para que isso não ocorra, consideram importante inculcar, nos filhos, a autonomia em relação aos pais, para que eles sejam independentes onde quer

que estejam, sem receio de seguir em frente para realizarem grandes feitos ao longo da vida.

### *Dependência versus Autonomia*

Como tentei demonstrar, por um lado, as estratégias educativas impingidas pelos pais aos filhos podem levar ao desenvolvimento de uma disposição à independência e à autonomia. Por outro lado, grande parte das crianças desse grupo social dispõe de funcionários particulares, a exemplo de babás e motoristas, e algumas dependem deles para a realização de tarefas consideradas simples, como buscar um copo d'água, jogar o lixo em cestos, carregar as mochilas etc.

Pode parecer um paradoxo que as crianças pertencentes aos grupos de alta renda estejam sendo preparadas para as posições de liderança na sociedade e, simultaneamente, dependam de adultos para a realização de tarefas simples e aguardem ordens dos instrutores para seguirem os próximos passos numa aula. Lembro, aqui, as análises de Lareau (2003) em relação à autonomia das crianças oriundas de classes sociais diferentes, observando que as crianças mais pobres organizam as brincadeiras com suas próprias regras, de maneira espontânea, com improvisos e, em geral, sem a presença de adultos, presença essa típica das atividades extracurriculares, nas quais se exigem professores ou instrutores treinados como acompanhantes.

No entanto, crescer em meio a adultos, desde os primeiros anos da infância, pode produzir outros efeitos, como sentir-se à vontade na presença deles e não intimidados, em particular quando se trata de adultos estranhos ao círculo familiar e de conhecidos das crianças, como médicos, por exemplo. Ainda, no caso específico dessas crianças rodeadas por funcionários, sejam os particulares ou os do clube, da escola, do condomínio, elas estão acostumadas a pedir para que eles realizem por elas determinadas tarefas, mesmo as mais simples, a partir de uma posição social hierarquicamente superior aos dos empregados. Apesar de serem crianças, são as filhas dos empregadores, e os funcionários se sentem na obrigação de atender à maior parte dos pedidos e desejos delas.

Portanto, parece que essas crianças acessam certas disposições de comando, como o agir por conta própria e a autonomia, dependendo do que está “em jogo”, ou seja, da importância que a criança atribui a cada tarefa ou atividade. Se existem pessoas que podem carregar a mochila e não negam o pedido, mesmo que não tenha sido feito com um “por favor” e “obrigado”, as crianças se habitam a não carregar sua própria mochila

e, talvez mais importante, habituam-se a delegar parte de suas tarefas e obrigações a outros. Deste modo, o fato de as crianças crescerem sendo servidas por funcionários, além de não parecer abalar as estratégias a longo prazo de reprodução das elites, ainda contribui para constituí-las, visto que essa é a realidade para a qual seus filhos estão sendo preparados.

### *Considerações finais*

Todos os esforços das mães e pais, a tamanha centralidade das crianças, são voltados para o objetivo máximo de que os filhos sejam *felizes*, um valor amplamente difundido entre este grupo social. As crianças são estimuladas a desenvolver autonomia, a opinar, a escolher o que querem fazer, o que gostam, desde que estejam no “caminho certo”, caminho este constantemente controlado pelos pais de forma nem sempre explícita. Como já expressei, mães falam em “dar uma boa estrutura” aos filhos para não precisar forçar ou obrigar a nada e, principalmente, para que sejam felizes buscando a realização dos seus próprios desejos:

Mãe: Que tipo de pessoa...? Bom, felizes! (*risos*) Felizes eu digo ééé... no sentido de fazendo o que gostam, né, trabalhando, porque não tem como você fugir disso, né, trabalhando mas fazendo o que gosta, porque eu acho que isso aí é meio caminho pro que a gente chama de sucesso, né, eu acho que quando você faz o que você gosta você faz com entusiasmo, então você, a chance de dar certo é maior. Então eu espero assim, que eles descubram o caminho que façam eles felizes. Sucesso é entre aspas, né, mas é que eu acho que uma coisa puxa a outra...

Mãe: Olha, o que eu gostaria, eu sempre, quando elas eram pequenas, a minha maior um dia, a professora perguntou pra ela o que que ela ia ser quando crescer, ela falou “A minha mãe falou que eu tenho que ser feliz”, né? Então, primeiramente, eu gostaria que elas fossem felizes (*risos*). E, assim, a busca é, terem boa qualidade de vida, que elas saibam fazer as escolhas, né, porque em cima das nossas escolhas seremos felizes ou não. Que tenham, trabalhem no que gostem, por exemplo, a minha maior ela quer fazer Biologia, ela mesmo fala: “Mãe, eu sei que, assim, pra ganhar dinheiro vai ser complicado, mas eu quero fazer o que eu gosto”, né, a não ser que vá pra área de pesquisa, que é diferenciado, né. Eee... o que eu acho, né, que eu, que é possível, é desde que você busque, desde que você tenha uma boa formação, que você tenha uma base familiar, o sucesso vem mais

fácil. Que você tenha tudo isso por baixo. Então, o que eu gostaria é que elas fizessem boas escolhas, né, tivessem sucesso no que elas escolhessem.

Como se observa, parece que existe quase que uma necessidade de as crianças serem felizes, contudo tal felicidade não deve obscurecer o fato de que várias mães afirmam que são elas que mandam e que os filhos têm que obedecer. Existe, portanto, um projeto para a educação das crianças e os filhos são criados para se tornarem felizes com este projeto. Quando isso se concretiza, pode-se classificar o caso como socialização bem sucedida, isto é, quando o indivíduo acha que está fazendo por escolha própria aquilo que as gerações mais velhas esperam que ele faça. Desta forma, as crianças aprendem a gostar daquilo que foram, desde muito precocemente, educadas para tanto.

### **Bibliografia citada**

LABACHE, Lucette; SAINT MARTIN, Monique de. “Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas”. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 333-354, Mai/Ago. 2008.

LAREAU, Annette. **Unequal Childhoods: class, race and family life**. University of California, 2003.

LEVEY, Hilary Leigh. **Playing to win: raising children in a competitive culture**. Ph.D. Dissertation, Princeton University, 2009.